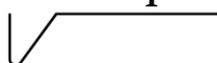


## Vida na grande cidade: Notas sobre Will Eisner, antropologia e subjetividade



Caio Silva<sup>1</sup>  
Gustavo Said<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo foca em analisar comparativamente a presença de uma subjetividade autoral na criação de antropologia e quadrinhos. Nós propomos relacionar os clássicos estudos urbanos da Escola de Chicago e o quadrinista americano Will Eisner. Buscamos perceber e encontrar traços de consciência, consistência e subjetividade antropológica entre os quadrinhos de Eisner sobre a cidade e as teorias urbanas que os pesquisadores de Chicago produziram. Colocando em perspectiva os métodos de ambos é possível pensar etnograficamente a existência de uma subjetividade urbana – ou espírito urbano (PARK, 1973). O que é uma cidade? O que é uma existência urbana? O que explica a moderna urbanização? Nosso objetivo é pensar, em diferentes tempos, como essas questões foram as principais preocupações tanto de uma escola acadêmica quanto de um quadrinista popular.

**Palavras-chave:** subjetividade; Antropologia; quadrinhos; cidade; Will Eisner.

### Abstract

This article aims to analyze comparatively the presence of authorial subjectivity in the production of Anthropology and Comics. We propose to relate the urban studies of the University of Chicago sociology department and the American comic artist Will Eisner. We seek to realize and find traces of consistency, consciousness and anthropological subjectivity between the comic books about the city that Eisner produced and what the Chicago's sociologists produced and linked. Within the deepening of the methods and intentions of both, it may be possible to think ethnographically the existence of an urban subjectivity - or "urban spirit" (PARK, 1973). What is a city? What is an urban existence? What would explain the procedure of modern urbanization? Our objective is thinking how these questions guided the main concerns of Chicago School and, in the different times, Will Eisner.

**Keywords:** subjectivity; Anthropology; comics; city; Will Eisner.

---

<sup>1</sup> Artista e doutorando em Antropologia Cultural na Victoria University of Wellington – Te Herenga Waka. Website: [www.caio-silva.com](http://www.caio-silva.com)

<sup>2</sup> Pesquisador e professor na Universidade Federal do Piauí. E-mail: [gsaid@uol.com.br](mailto:gsaid@uol.com.br)

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar comparativamente a presença da subjetividade autoral – entendida, nesse caso específico e restrito, como a forma pela qual cada indivíduo produz percepções e interpretações sobre variados temas – na produção da antropologia e das histórias em quadrinhos. Para tanto, propomos relacionar os estudos urbanos do departamento de sociologia da clássica escola de Chicago e o trabalho artístico do também clássico quadrinista americano Will Eisner. Buscamos perceber e encontrar vestígios que mostrem consistência, consciência e subjetividade antropológica nos gibis sobre cidade que Eisner produziu, a exemplo do que propunham e executavam os sociólogos vinculados à escola de Chicago. Tais características do trabalho de Eisner, portanto, reforçam a importância dos questionamentos urbanos trazidos de forma tão prematura e pioneira pelos sociólogos da escola de Chicago. Com a dissecação dos métodos e intenções de ambos, talvez seja possível pensar etnograficamente a existência de uma subjetividade urbana – ou de "espírito urbano", como bem buscava Robert Park (1973) – em ambos os tipos de textos sobre a cidade.

O que é a cidade? O que é ser urbano? O que categorizaria o processo de urbanização moderno? Claro, não pretendemos responder tais questões – muito porque perguntas genéricas de certa forma são uma realidade superada dentro dos universos das artes e das ciências. Mas é bastante interessante dizer que essas indagações nortearam as preocupações dos estudiosos da escola de Chicago e de Will Eisner, elevando o alcance do debate epistemológico sobre a interferência de percepções subjetivas na produção de quadrinhos e também na etnografia. As observações de Eisner o levaram a tentar entender, por vias bem distintas, o que seria essa entidade cidadina invisível que faz muitos de nós nos assumirmos como criaturas urbanas.

Contudo, trata-se de um tipo de abordagem um tanto quanto rara nos estudos em antropologia: encontrar similaridades no trabalho etnográfico, na pesquisa social e na criação de gibis, sobretudo no nível metodológico, considerando a presença marcante de percepções subjetivas em ambos os casos. Geralmente, estudos antropológicos exigem a constituição de um campo ou escolha de um grupo para estudo, o que não é o caso aqui. Nosso problema está mais perto das discussões que descortinam potência antropológica em certas produções e objetos não originalmente produzidos por antropólogos

(acontecimento, inclusive, bastante comum em variados tipos de expressão artística). Não entendemos a excentricidade da proposta como uma dificuldade, mas é preciso de cara assumir uma postura minimamente responsável para explicitar duas preocupações de cunho metodológico.

A primeira é reconhecer imediatamente o caráter artesanal do trabalho. Assim como qualquer descoberta, o ensaio é um debate de entrada, limitado por si só e, logo, passível de críticas múltiplas e variadas reconstruções. E é bom ressaltar mais uma vez que não há nada de negativo nisso. Trata-se apenas de uma característica da discussão apresentada. Por conseguinte, o teor ensaístico do texto e a abertura conferida à temática justificam a ausência – proposital, frisamos – de uma longa conclusão ao problema levantado.

O segundo ponto a ser ressaltado é sobre o próprio desenvolvimento do texto de agora em diante. Por uma questão didática, o ensaio será dividido em três momentos distintos. No tópico a seguir será feita uma contextualização histórica da escola de Chicago e da vida/obra de Will Eisner. Veremos como existe uma interessante sincronia histórica e vivencial muito importante para entender porque ambos coincidem em tantos questionamentos e/ou reflexões sobre a cidade. O tópico posterior será uma rápida passagem sobre como é possível relacionar quadrinhos e etnografia, a partir de uma abordagem sobre a subjetividade da percepção de seus autores. Finalizando, traremos uma análise comparativa cruzada das articulações teóricas que alguns autores da escola de Chicago e Will Eisner desenvolveram. Existe bastante semelhança, harmonia e desdobramentos criativos em ambos os trabalhos. O objetivo é indicar os caminhos possíveis e os usos variados que esse texto pode tomar.

## **1. Will Eisner e escola de Chicago: contexto e sincronia histórica**

O ano é 1930. Cidade de Nova York, Estados Unidos da América. Depois de passar parte do dia na escola, o garoto vai ao cinema de baixo orçamento para satisfazer uma de suas paixões: assistir filmes. Após o lazer, ele vai para casa e de cara se surpreende ao encontrar o pai, que deveria estar trabalhando. Era uma cena já quase comum: ver o pai em casa procurando anúncios de emprego no jornal. Cada vez menos trabalhando, cada vez mais procurando emprego. Com a tensão da precariedade financeira instalada em

todas as camadas do pequeno apartamento no bairro pobre do Bronx, a mãe do garoto, que provavelmente já tinha discutido com o seu marido (o pai do menino), diz ao filho que agora ele vai ter que trabalhar para ajudar a pagar as dívidas e as despesas da casa.

Parece uma cena de filme americano comum, mas é uma situação narrada por Schumacher (2013) na biografia de Will Eisner. O quadrinista tinha treze anos na época. A Grande Depressão tinha chegado com tudo aos EUA e em Nova York – 1929 é o marco histórico mais famoso: a quebra da bolsa de valores. Os pais de Eisner eram europeus (o pai austríaco e a mãe romena), imigrantes, fugidos da desolação que a Primeira Guerra Mundial causou no velho continente. Eles estavam em busca da ‘terra da oportunidade’ americana e do tão famoso *american way of life*. A realidade encontrada foi outra totalmente diferente: recessão e miséria, mesmo em uma das maiores cidades dos EUA, Nova York.

Certa vez em entrevista, Eisner (2013) relatou sobre seu pai:

Lembro de uma cena muito triste, em casa, numa noite em que ele chegou dizendo que acabara de passar no banco e que havia uma grande fila. Haviam trancado as portas, e ninguém pôde entrar para sacar dinheiro, por isso estávamos completamente zerados (EISNER apud SCHUMACHER, 2013. P. 22).

Esse parecia ser um fenômeno comum daquele contexto. A duríssima recessão impôs a muitos jovens da época a ideia de trabalho prematuro como necessário para a sobrevivência de famílias de classe baixa. Will Eisner, por exemplo, vendia jornais na rua ao mesmo tempo em que estudava e buscava aprimorar o dom artístico do desenho.

Uma nova ética de trabalho tomou forma nos Estados Unidos durante os anos da Depressão, forjada pela perda da crença de que a economia teria força suficiente para se adaptar; pela necessidade do sacrifício forçado; pela crença, de que, nos anos por vir, não se poderia adivinhar o status de ninguém. Os meninos olhavam para seus pais, desempregados e sempre procurando qualquer maneira de ganhar dinheiro, e juravam que quando fossem adultos e tivessem que sustentar uma família nunca levariam o trabalho na brincadeira; se tivessem que ser workaholics para preservar a paz de espírito, que assim fosse (SCHUMACHER, 2013. P. 22-23).

E foi assim que o jovem Eisner cresceu: aliando a dura realidade vivida com a paixão por artes e desenhos que herdara do pai. Vivendo num universo onde ter percepção e memória visuais aguçadas eram competências ou qualidades caras à sobrevivência. Desta forma, Eisner conseguia sublimar os traumas enfrentados e o sofrimento vivido via desenhos, pinturas e arte sequencial. Era por meio de uma percepção de mundo apurada,

traduzida na produção artística ainda incipiente, que o quadrinista, durante toda a sua juventude, escapava dos ataques antissemitas dos colegas mais velhos de colégio (a família de Eisner era judia não praticante), conseguia no trabalho um ponto de venda de jornais mais lucrativo e sentia a cidade pulsando vida, apesar da multidão de desempregados.

Will Eisner gabava-se de poder desenhar de memória a Nova York de sua infância, de não ter que consultar fotografias antigas nem fazer pesquisas para invocar imagens de grandes cortiços com escadas de incêndio de ferro fundido, roupas penduradas em varais entre os prédios e degraus quebrados nas escadarias de entrada; de hidrantes e grades de metrô, fileiras infinitas de janelas sujas, crianças brincando de *stickball* na rua enquanto seus pais lutavam prodigiosamente para esticar os últimos dólares de terça a sexta- feira, berrando frustrações um com o outro e, fosse a hora apropriada e as cortinas estivessem fechadas, entregando-se à ternura para restabelecer certezas e, quando muito, trocar promessas (SCHUMACHER, 2013. P. 11).

Muito em função dessa refinada memória visual, num texto bastante conhecido, Eisner afirmou a importância das imagens para a produção de quadrinhos, como se o quadrinista, ao desenhar, imaginasse para e com o leitor. Ele pontuou ainda que a arte sequencial lida com realismo e imagens reconhecíveis, ou seja, suas ferramentas são seres humanos, animais, objetos e instrumentos, fenômenos naturais e linguagem, enfim, acontecimentos do cotidiano (EISNER, 1999).

A realidade urbana vivenciada por Eisner e sua família, tendo como pano de fundo a Grande Depressão, não é exatamente o ponto de partida do departamento de sociologia da escola de Chicago, mas é parte importante dela. Na passagem do século XIX para o século XX, os EUA já eram uma das maiores potências econômicas do mundo. Uma sociedade de mentalidade altamente tecnicista e com o ideal de progresso voltado para o desenvolvimento industrial (LUCAKS, 2006). Nessa época, muitos americanos construíram impérios capitalistas e acumularam quantias inimagináveis de dinheiro. A Universidade de Chicago surgiu desse boom econômico na história dos EUA.

John D. Rockefeller, multimilionário americano, dono da *Standard Oil*, empresa pioneira na extração e comercialização de petróleo, destinou um montante de suas riquezas à criação e à construção da Universidade de Chicago em 1895. Com tamanho crescimento do país, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, quando as fábricas triplicaram de tamanho para exportar produtos, as cidades americanas cresceram substancialmente. Daí surgiu o departamento de sociologia da Universidade de Chicago,

representado inicialmente nas figuras de Albion Small, o primeiro chefe do departamento, e de William Thomas, um dos primeiros professores contratados (BECKER, 1996).

Entender o crescimento desenfreado das cidades (Chicago, no caso) era uma das principais preocupações desses pesquisadores. O número de imigrantes – a maioria fugindo da guerra, como os pais de Eisner – era grande a ponto de formar bairros e guetos inteiros dentro das metrópoles<sup>3</sup>. O surgimento sistemático da criminalidade, a densidade demográfica excessiva, a formação de bairros sem planejamento, a constatação de que as relações pessoais na cidade eram efêmeras, a profissionalização dos papéis sociais: todas essas características faziam da cidade um objeto único, mas impregnado de vivências subjetivas, um universo vivo, digno de ser considerado tema de uma importante problematização científica.

Todos esses problemas se intensificaram quando uma crise de superprodução bateu na porta da nação americana. Com o inchaço das indústrias, logo a demanda europeia por comida no pós-guerra diminuiu e o que antes era fartura capital e riqueza virou excesso de desemprego. A quebra da economia do país logo após seu apogeu foi chamada de Grande Depressão. A realidade vivida pelo pequeno Eisner intensificava ainda mais a responsabilidade dos estudiosos de Chicago. O aumento da pobreza, o encolhimento dos espaços rurais e a solidificação de um estilo de vida próprio das urbes emergiram de forma definitiva como problemas sociais a serem ‘solucionados’ pelos sociólogos americanos da época.

Robert Erza Park, principal nome da escola de Chicago, organizador e articulador de centenas de pesquisas sobre cidades, certa vez disse: "hoje, o mundo inteiro vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo" (PARK apud BECKER, 1996. P. 180). O quadrista falou algo semelhante ao colocado pelo sociólogo, referindo-se à cidade em que viveu: "Eu a conheço e a entendo. A cidade é meu lugar, e é dela que eu quero falar. Sou um cara da cidade. Eu amo Nova York. É o que eu conheço e é sobre ela que escrevo" (EISNER apud SCHUMACHER, 2013. P. 250).

Uma das muitas contribuições da Escola de Chicago para a sociologia urbana, segundo Silva (2009, s/p),

---

<sup>3</sup> Eufrásio (2009) afirma que o foco da Escola de Chicago foi por muito tempo uma sociologia do imigrante.

... é a de que não se encontra na cidade um tipo específico de sociedade contraposta ao rural, tema sobre o qual se debruçaram Simmel, Redfield, Wirth. O que se descobre são as tais áreas morais de Park. A cidade é mosaica. E se descobre um pouco depois que o sentido emerge da interação (Blumer, 1998) para se chegar à evidência de que a linguagem, instrumento por excelência dos processos interativos, é uma fonte de mal-entendidos (cf. GOFFMAN, 1986).

Não é preciso fazer muito esforço para perceber a sincronia histórica entre a atividade científica da escola de Chicago e a arte de Will Eisner. É claro que existem diferenças, como o fato de que Eisner escrevia sobre Nova York, enquanto Chicago era o foco dos sociólogos. O tempo também é um fator diferencial, embora apenas parcialmente. Apesar das criações sobre cidade de Eisner terem sido feitas na década de 80 em diante, elas se voltavam para suas memórias nas décadas de 20 e 30, período em que o departamento de sociologia da universidade de Chicago estava em pleno funcionamento teorizando sobre a questão urbana.<sup>4</sup> O quadrinista reconstituía por meio de suas lembranças de infância e adolescência as angústias e as experiências que os pesquisadores percebiam na vida citadina e frisava sub-repticiamente sua intimidade com o ambiente urbano e o modo subjetivo como o incorporava aos desenhos. Na defesa desta ideia, citava que o escritor ou artista tinha que ser capaz de dominar um amplo repertório de fatos e conhecimentos, pois, no fundo, a arte sequencial era uma forma artística que trata da experiência humana. (EISNER, 1999)

Ainda que a antropologia não tenha sido o ponto de partida da Escola de Chicago e menos ainda de Eisner, a viabilidade etnográfica reside na possibilidade de descrever os desdobramentos subjetivos que o viver na cidade possibilita. Apesar da intenção sociológica de escola de Chicago e da intenção artística de Eisner, o aspecto antropológico é forte em ambos, pois, como diz Silva (2009, s/p):

Difícilmente uma cidade se aninha em forma de modelo no cérebro de qualquer estudioso. É espaço sobre o qual se anda e de onde se recolhem, na superfície, sinais que merecem leitura, ao mesmo tempo, ávida e cautelosa. O conhecimento da cidade é, portanto, um conhecimento produzido pelos percursos. Ela nunca se destaca do observador e se

---

<sup>4</sup> Não é caso da discussão em questão, mas um bom exemplo do poderio que a história tem sobre a análise antropológica pode ser encontrado no livro *Ilhas de História*, de Marshall Sahlins (2004).

oferece como um quadro no museu, para cuja contemplação adequada ele busca, com seus passos que tateiam no chão, o lugar ideal, o ângulo perfeito.

É exatamente sobre esses percursos e efeitos que a disciplina Antropologia produz seu saber constitutivo (STRATHERN, 2014). Como se percebe, o contexto cultural de nascimento de uma “subjetividade urbana” nas décadas de 20 e 30 nos EUA funcionou como um catalisador na constituição de um campo de análise que era a própria metrópole, um campo de análise desprovido de uma obrigação delimitada no tempo, ou seja, a teoria sobre cidade poderia ser usada tanto na década de 20 como hoje, tanto em Chicago como em Nova York.

Dona de uma cultura singular, a cosmologia urbana necessitaria de categorias próprias de análise. Através de meios diferentes, Eisner e a escola de Chicago etnografariam parte importante da história das sociedades ocidentais: o momento em que a modernidade se torna inevitável. E ela chega não só aos intelectuais e acadêmicos, mas a todos que participavam de tal acontecimento, vivendo a estruturação de uma de suas principais características modernas.<sup>5</sup>

## **2. Teorizando e desenhando a urbe: uma etnografia**

Antes de desenvolvermos as análises, é importante ressaltar duas estratégias textuais desse tópico. Por se tratar de um ensaio, com tamanho reduzido, vamos limitar a análise a algumas produções específicas e pontuais, tanto da escola de Chicago quanto de Will Eisner.

No caso da escola de Chicago, que produziu um número incontável de pesquisas sobre cidade<sup>6</sup>, vamos fazer uso principalmente de dois textos considerados seminais no modo de pensar as urbes. O primeiro, mais conhecido (talvez o mais lido texto do departamento de sociologia da escola de Chicago), é “A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano”, de Robert Erza Park (1973),

---

<sup>5</sup> Sempre importante ressaltar que o termo “vida urbana” aqui se refere às metrópoles, uma vez que idades existem desde a Idade Média, por exemplo (EUFRASIO, 2009).

<sup>6</sup> Para melhor saber os tipos específicos de pesquisa que eram produzidas, ver Becker (1996).

escrito em 1916 para a *American Journal of Sociology*, a primeira revista de sociologia dos EUA. O segundo texto é um aprimoramento do primeiro, com menos questões e procurando sistematizar melhor uma teórica urbana, escrito vinte e dois anos após o primeiro texto, por um dos alunos de Park, Louis Wirth (1973), já no período pós Grande Depressão, em 1938, também para o *American Journal of Sociology*: “O urbanismo como modo de vida”.

Já em Eisner, escolhemos a coletânea póstuma “Nova York: a vida na cidade grande”, de 2006, que contém quatro obras do período de mais de uma década em que o quadrista se dedicou a produzir especificamente sobre a cidade e as criaturas que nela vivem. São elas: “Nova York: a cidade grande”, de 1981; “O edifício”, de 1987; “Cadernos de tipos urbanos”, de 1989; e “Pessoas Invisíveis”, de 1992.

A primeira e mais latente semelhança entre ambos é com relação ao método usado, fato que os aproxima muito da antropologia, onde as noções de campo e de etnografia são fundamentais para a constituição de qualquer abordagem. A empiria como método foi muitas vezes assumida e revelada como principal ponto de partida tanto das pesquisas da escola quanto da arte de Eisner.

A necessidade de empiria era tão importante que fez com que a escola de Chicago se destacasse das demais escolas sociológicas, tanto americanas quanto de outros países. Para além de uma característica dos estudos, ser empírico se constituía como uma forma de se firmar e se diferenciar das demais correntes de pensamento. Chicago foi pioneira nesse sentido, uma vez que os pesquisadores achavam que a teoria deveria derivar da experiência de campo. Nas ciências sociais, o contrário era a forma mais comum de se fazer pesquisa até então (EUFRASIO, 2009).

Becker (1996), sobre o artigo “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”, diz que:

O ensaio que resultou desse trabalho é muito interessante: consiste em uma série de tópicos, quase todos constituídos de perguntas cujas respostas se desejava conhecer e que só podiam ser encontradas por meio da pesquisa empírica (BECKER, 1996. P. 180).

E, de fato, a forma como textualmente “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” é construída mostra que Park (1973), ao tentar produzir discussão inicial sobre a urbe, se preocupou ao máximo em relatar muitos aspectos que podiam ser sentidos e vividos subjetivamente pelos pesquisadores. De forma

sistemática e fragmentada, o texto expõe tópicos como a “planta da cidade” (PARK, 1973. P. 29), “vizinhança” (PARK, 1973. P. 31) e “colônias e áreas segregadas” (PARK, 1973. P. 33), espaços nos quais os sociólogos e antropólogos posteriores ao debate pudessem se orientar e se deslocar para observar *in loco*, empiricamente, cada fenômeno da urbe. Silva (2009, s/p) expressa de forma clara o modo como o trabalho de campo do etnógrafo, que pode ser compreendido a partir de sua localização ou posição, é constituído pelas relações que estabelece com a cidade e os cidadãos: “Se é verdade que a função da personagem é mover a ação, essa identidade forjada subjetivamente orienta o trajeto do etnógrafo no campo. O significado pleno, solar, social pode até ser prismático e múltiplo, mas será sempre constituído pelas tensões entre autopercepção e alterpercepção”.

Eisner (2013) propõe uma noção bastante semelhante àquela lançada anos antes, no texto de Park. Em entrevista, perguntado sobre seu método de criação, ele ressaltou claramente a importância da empiria:

Estamos acostumados a vê-la (a cidade) dos arranha-céus, geralmente com uma sinfonia triste tocando de fundo, enquanto a câmera faz uma panorâmica da cidade e você vê o topo dos prédios. Mas ninguém vê a cidade da mesma forma que eu - da forma que todos que vivem nela (veem) - com os esgotos, os hidrantes, as escadarias, as filigranas, as grades, as escadas de incêndio. É isso que a gente da cidade que vive na cidade vê todos os dias. É isso que é a cidade (EISNER apud SCHUMACHER, 2013. P. 250).

A própria capa de “Nova York: a vida na grande cidade” (imagem 1) revela a posição ou localização observadora/empírica relacionada ao ‘método’ do artista. Na imagem, curiosamente feita pelo próprio usando-se de um recurso de metalinguagem ao revelar a forma como ele via a si e seu ‘método’, Eisner aparece como um antropólogo quase clássico, observando, pondo sua subjetividade em jogo e usando uma prancheta de desenho como caderno de campo.

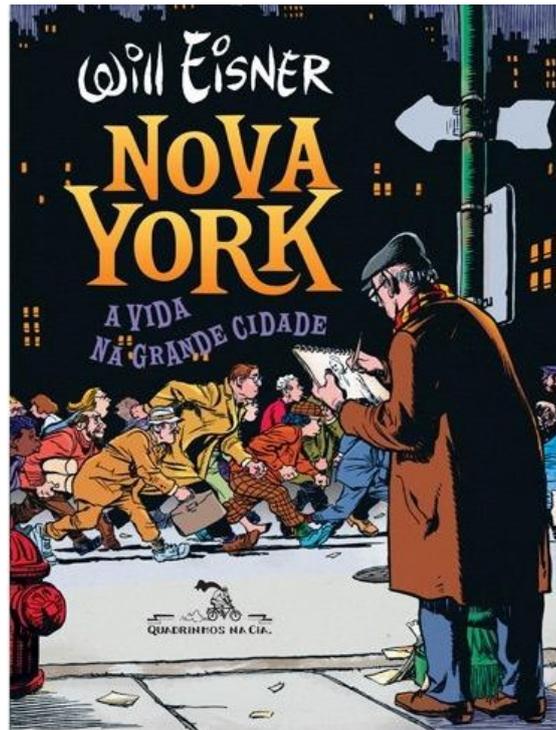


Imagem 1- A capa de “Nova York: a vida na cidade grande

Outro ponto importantíssimo de harmonia entre ambos os trabalhos é a operação conceitual, ou seja, a definição de cidade com que operavam. Operação conceitual que não era de forma alguma unilateral ou simples de compreender, pois tanto para os estudiosos da escola de Chicago como para Will Eisner o conceito de cidade obedecia a uma série de pontos e características complexas. Essa abordagem conceitual está presente na produção de quadrinhos, uma vez que, conforme Wolk (2007), cada história se torna, inevitavelmente, uma metáfora para a subjetividade da percepção: como duas pessoas não podem experimentar o mundo da mesma maneira, também dois cartunistas não o desenharam da mesma maneira.

Uma característica em comum no desenvolvimento conceitual de ambos é a ideia de que a cidade é uma ecologia humana. Se a ecologia isolada corresponde a predominância da natureza, a metrópole em seu auge seria a prova do domínio humano sob um meio natural (muitas vezes com profunda influência negativa). Em agrupamentos culturais menores ou povos tradicionais, ainda existe uma relação com a ecologia natural, na cidade essa lógica é quase que exclusivamente humana.

Em nenhum lugar do mundo a humanidade se afastou da natureza orgânica do que sob as condições de vida características das grandes cidades. (...) A característica marcante do modo de vida do homem na idade moderna é a sua concentração em agregados gigantescos em torno

dos quais está aglomerado um número menor de centros e de onde irradiam as ideias e as práticas que chamamos de civilização (WIRTH, 1973. P. 90).

Park (1973), inclusive, usa da própria linguagem biológica para ilustrar sua teoria: “a cidade é o habitat natural do homem civilizado” (PARK, 1973. P. 27). Sobre a relação do etnógrafo com essa ecologia urbana, Silva (2009) destaca as percepções produzidas por múltiplos canais, pelos cruzamentos áudio-táteis, palato-visuais e as sensações produzidas pela mistura ‘daquela música’ com ‘aquele cheiro’. E o autor conclui (op.cit.): “Todos os cinco sentidos estão a modelar os estímulos do campo, alguns deles modelam em operações combinadas. Tudo isso deve ser convertido em um texto”.

Em quase todos os seus livros, Will Eisner (2009) escreve textos de abertura com seus *insights* sobre cidade. Esses textos funcionam tão bem quanto os próprios quadrinhos e desenhos. Curiosamente, na abertura de “Cadernos de tipos urbanos”, ele usa uma metáfora bastante parecida com a usada por Park (1973) para falar de cidade enquanto ecologia humana.

Viver numa cidade grande pode ser comparado a existir numa selva. Tornamo-nos criaturas do ambiente. A reação aos ritmos e coreografias é visceral, e em pouco tempo a conduta de um morador fica tão singular quanto a de um habitante da selva. Vemos habilidades ancestrais de sobrevivência e mudanças sutis de personalidade afetarem o comportamento. Aqui, temos uma espécie de estudo arqueológico de tipos urbanos. Para mim, os tipos urbanos sempre pareceram singulares em seu estilo e sensibilidades. É claro, a vida nas entranhas de uma grande cidade é muito diferente daquela de uma pequena comunidade rural. Conforme acumulam-se a astúcia das ruas e as habilidades de sobrevivência, afirma-se o triunfo do meio ambiente sobre todos nós (EISNER, 2009. P. 238-239).

Acontece que, apesar de ser uma “ecologia”, a cidade estaria mais voltada para uma noção de construção, processo humano, do que a um ambiente já dado previamente. Sendo assim, o conceito de urbanização, processo constante de formação das urbes, seria uma das principais características, complementando a ideia de cidade como ecologia humana.

O trabalho de Wirth (1973) é principalmente voltado para entender a urbanização. Não existe cidade sem processo urbanizatório, que é complexo, múltiplo e traz à tona características cidadinas que vão da geografia à formulação de um código moral próprio. A mudança seria a base de toda urbanização. Cidade é movimento.

Ela (a urbanização) se refere também àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado com o crescimento da cidade e, finalmente, com as mudanças de sentido dos modos de vida reconhecidos como urbanos que são aparentes entre os povos (WIRTH, 1973. P. 93).

Eisner (2009), na introdução de “O edifício”, também trata de expor como a mudança parece ser uma constante cidadina. A rapidez e o movimento às vezes emergem de forma tão forte que podem até mesmo abalar as percepções humanas. Nos quadrinhos de “O edifício”, o autor produz desenhos sobre como mudanças nos prédios afetam e modificam as relações sociais dos habitantes da cidade.

Após muitos anos vivendo numa cidade grande, desenvolvemos gradualmente uma sensação de assombro - é tanta coisa que acontece lá sem explicação, como que por mágica. Enquanto eu crescia em meio à turbulência da vida urbana, bastava apenas um sentido superficial de alerta para lidar com o rebuliço de transformações e experiências que passavam correndo por nós. Havia pouco tempo para refletir a respeito da rápida substituição das pessoas e dos prédios. Eu dava estas coisas como certas (EISNER, 2009. P. 159).

As ideias de Eisner (2009), Park (1973) e Wirth (1973) sobre o processo de urbanização nos levam a pensar sobre o conceito de limite, como se a cidade estivesse sempre na iminência de entrar em colapso, embora isso quase nunca aconteça. Park (1973) chama esse sentimento de crise, uma espécie de sensação que intensifica e tensiona as relações sociais nas cidades.

Podemos expressar em termos gerais a relação da cidade com esse fato, dizendo que o efeito do meio urbano é intensificar todos os efeitos de crises. O termo "crises" não deve ser entendido num sentido violento. Está envolvido em qualquer distúrbio de hábito. (...) Qualquer tensão de crise envolve três possíveis mudanças: maior adaptação, eficiência reduzida ou morte. Em termos biológicos, a “sobrevivência” significa ajustamento bem-sucedido à crise, tipicamente acompanhado por uma modificação de estrutura (PARK, 1973. P. 50).

A crise é um dos aspectos mais fortes do conteúdo dos quadrinhos de cidade produzidos por Will Eisner. Seus personagens estão sempre em situações próximas do limite: correndo, com dilemas existenciais e sobrevivendo de forma incansável. Esse aspecto quase sempre dá um caráter excessivamente dramático às histórias de Eisner. Segundo Schumacher (2013), por muitas vezes a crítica literária o acusou de sentimentalismo.

Tal percepção literária por parte da crítica se deu, sobretudo, por causa da preocupação que Eisner tinha com as relações sociais. Em suas histórias ele não se importa com uma “moral” final ou com reviravoltas narrativas que prendam o leitor. As relações em si, e por elas mesmas, é que interessavam no seu ‘projeto de pesquisa’. O quadrinista queria cartografar que tipo de interações ocorre na ‘lógica’ de vida urbana.

Analisar o aspecto interacional foi uma das principais características também da sociologia americana. Numa análise mais macroscópica das formas de pensamento da escola de Chicago, pode-se dizer que a interação se constituiu inclusive como o principal objeto de pesquisa dos sociólogos (BECKER, 1999). Por suposto, vale a comparação: ao percorrer o espaço delimitado da cidade que importa ao projeto de pesquisa, o etnógrafo reconfigura sua própria identidade naquele contexto, a partir das relações e interações que estabelece com as pessoas presentes. Para Silva (2009, s/p),

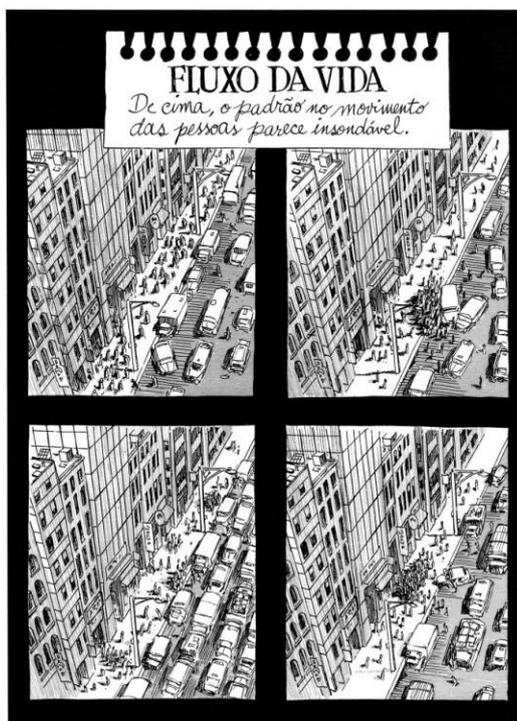
O percurso do etnógrafo no campo deriva da conjunção exitosa ou atritada, isto é, pelos acordos e pelos entreveros entre a orientação que ele mesmo quer imprimir a seu itinerário e os itinerários permitidos, prescritos, previstos, aceitos pelos interlocutores/interagentes. Acordos que conduzem às melífluas fusões de horizontes ou a entreveros entrecortados de raios no horizonte e trovões sobre a cabeça. Acordos e mal-entendidos, tessituras sociais por excelência, termos com os quais nos referimos às interações, sejam diálogos, cooperações ou competições, são propriedades sociais que impregnam o processo etnográfico – subjetividade que reverbera no andar e ver e escrever. A acolhida depende de tudo isso e a circulação do etnógrafo é orientada pelas múltiplas angulações com que a cena é percebida. O trabalho de campo é dramático porque as predisposições subjetivas e o aparato reunido nos bastidores são postos em questão.

Tanto para Wirth (1973) como para Park (1973), as relações pessoais na cidade são de um tipo específico: efêmeras e em profusão, misturando multidão coletiva e isolamento pessoal. Na cidade se tem um número alto de contato com os mais variados tipos de pessoas, mas esse contato quase sempre ocorre de forma rápida e única. Em suas observações, Eisner (2009) também chega a conclusões semelhantes. Na abertura de “Pessoas invisíveis”, um trabalho de nome bastante sugestivo, ele pontua:

Desde a época da minha juventude nas ruas da cidade, me impressionava o anonimato das pessoas ao meu redor. A indiferença das pessoas em relação com as outras em espaços cheios de gente parecia contraditória à ideia comumente aceita de que as cidades foram criadas para proporcionar segurança. De fato, quanto mais tempo eu passava nas ruas, mais adquiria consciência do quão despercebidas eram

as pessoas que transitavam ao meu redor. Cresci aceitando isso como um fenômeno normal da vida metropolitana (EISNER, 2009. P. 323).

Em um de seus quadrinhos (imagem 2), é possível perceber quadro a quadro como as multidões se formam em torno de um motivo e se dispersam rapidamente sem que ninguém exatamente se conheça, num movimento que é considerado insondável.



<sup>314</sup> Imagem 2 - Quadrinho de Eisner sobre a efemeridade das multidões na cidade

Em outro quadrinho (imagem 3), no qual um homem numa rua em movimento passa mal, Eisner ressalta ainda mais o binômio solidão e vazio que a rua propõe: as pessoas só prestam atenção nele quando ele morre.

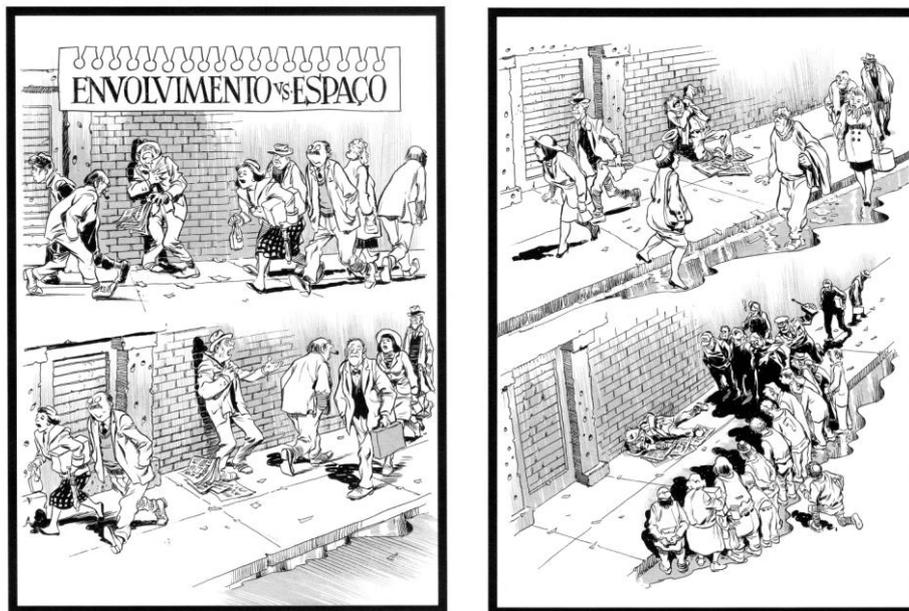


Imagem 3 - Quadrinho sobre as relações sociais e o espaço na cidade

A própria cidade e seus habitantes, no entanto, criam alternativas que atenuam o “vazio” relacional que a velocidade dos acontecimentos citadinos proporciona. Park (1973) defende que por esse motivo bairros e vizinhanças se formam. Seria uma forma de atenuar as relações impessoais que são majoritárias na cidade. Nas vizinhanças existiria mais contato próximo e duradouro. “Na organização social e política da cidade, é ela a menor unidade local” (PARK, 1973. P. 31). Eisner (2009) tem segmentos inteiros de seus gibis (imagem 4) dedicados a descrever os quarteirões das vizinhanças e as relações singulares que produzem.

Só que a vizinhança também é limítrofe. Ao mesmo tempo que unem, elas também são sinônimos de outras características citadinas como a forte segregação e a existência de bairros de imigrantes (PARK, 1973). Eisner (2009) também relata essas características nos seus desenhos. Muitos de seus personagens são imigrantes (imagem 5) e sofrem típicas dificuldades que os estrangeiros sofriam nos EUA. A segregação também é mostrada (imagem 5) por Eisner (2009) de forma sistemática nos bairros ricos, por exemplo.



Imagem 4 - Seções que descrevem e detalham a vida das vizinhanças e bairros na cidade

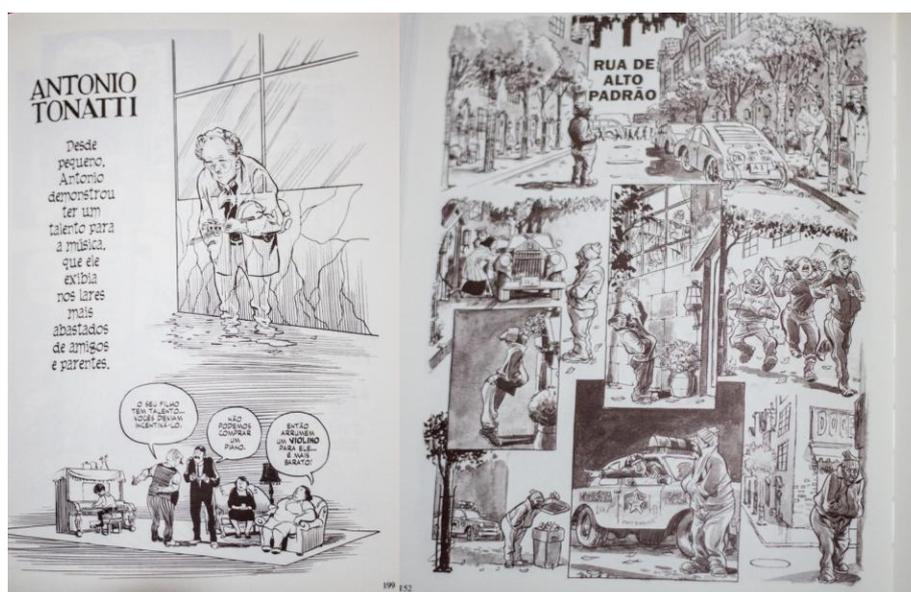


Imagem 5 - O personagem imigrante que tem talento musical, mas dificuldade para conseguir emprego, e uma cena de segregação social num bairro rico da cidade

As análises da escola de Chicago e de Will Eisner são tão ricas que contemplam de forma singular até os aspectos mais óbvios da constituição citadina. Apesar de ressaltarem que a cidade não é só isso, Park (1973) e Wirth (1973) mostram que os aspectos materiais são importantíssimos na definição de urbe: “ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc” (PARK, 1973. P. 27). A descrição dos modos de deslocamento como metrô

e carros também é importante. Eisner (2009), igualmente, faz um inventário (imagem 6) detalhado de muitos desses aspectos: janelas, escadas, o metrô, a música, o lixo, paredes etc.



Imagem 6- Cada um desses aspectos vem com histórias específicas

### Conclusão

Faz-se necessário um arremate para reforçar alguns aspectos contemplados no texto. Como dito no início, este ensaio é apenas uma discussão inicial sobre uma possível competência antropológica e subjetiva que as histórias em quadrinhos podem alcançar. Assim como hoje o cinema e a fotografia já são considerados objetos etnográficos estabelecidos, mesmo tendo sofrido desconfiças teóricas e metodológicas no passado, é possível produzir gibis com viabilidade etnográfica? Como? É no intuito de problematizar

esse rol de perguntas que este artigo foi produzido.

Ao mesmo tempo, este ensaio funciona também como um bom exemplo de como teorias clássicas (no caso, o que foi produzido pela escola de Chicago) não perdem por completo seus atributos teóricos e sua aplicabilidade analítica. O departamento de Sociologia da escola de Chicago foi o primeiro lugar a se organizar academicamente para produzir e pensar de forma sistemática a questão urbana. Mais de cem anos se passaram e os textos continuam sendo lidos e ressignificados.

Gostaríamos de convocar a pensar novamente sobre o início do texto. Olhar. Observar. Olhar, observar. Analisar. Entender. A existência de um artista como Will Eisner e de pesquisadores como os da escola de Chicago é importante para nos mostrar que querer entender o mundo pela ótica antropológica vai além e em paralelo a uma conduta científica, filosófica ou artística. Trata-se, basicamente, de uma forma de tornar visíveis as muitas subjetividades que nos rodeiam e que estruturam o mundo que conhecemos. Como o próprio Will Eisner afirmou certa vez numa de suas últimas entrevistas:

Em cidades superpovoadas, a invisibilidade tornou-se tanto uma ferramenta de sobrevivência quanto uma predisposição aceitável. Eu tenho um interesse especial nas pessoas comuns, que, como todos nós, estão sempre lutando com a vida. Eu conto suas histórias, porque meus leitores podem se identificar com elas (NADALLE, 2002).

## Referências

- BECKER, Howard. *Conferência - A escola de Chicago*. In: Mana n. 2, pg.177-188. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1996.
- BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013.
- EISNER, Will. *Nova York: a vida na cidade grande*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Quadrinhos e Arte Sequencial* (tradução: Luís Carlos Borges), 3o ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- EUFRASIO, Mário A. *A Escola de Chicago de Sociologia: Perfil e Identidade*. In: Lucena, Célia Toledo; Campos, Maria Christina Siqueira de Souza (org.). *Práticas e Representações*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006, v. 1, p. 13-27
- LUKACS, John. *Uma nova república. História dos Estados Unidos no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- NADALLE, Marcelo. *Invisibilidade e sobrevivência: Omelete entrevista Will Eisner*. Omelete, 2002. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/a-invisibilidade-segundo-will-eisner>. Acesso em: 1 de nov. de 2019.

PARK, Robert Erza. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: Velho, Otávio (org). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1973.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

SCHUMACHER, Michael. *Will Eisner: um sonhador nos quadrinhos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

SILVA, Hélio R. S. *A Situação Etnográfica: andar e ver*. In: Horizontes Antropológicos. vol.15, no.32, Porto Alegre: Julho/Dezembro de 2009

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida*. In: Velho, Otávio (org). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

WOLK, Douglas. *Reading comics: how graphic novels work and what they mean*. Philadelphia: Capo Press, 2007.